

# Brasília terá o maior museu de ciência do País

PAULO LYRA

A UnB dará a Brasília o maior museu de ciências do País. Até 1993, segundo proposta do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, estará em pleno funcionamento na cidade uma instituição de nível internacional, à semelhança do Instituto Smithsonian dos Estados Unidos, Museu de História Natural de Paris e Museu Britânico. O projeto foi aprovado dia 29 pelo reitor Cristóvam Buarque.

O Museu de Ciências da UnB será construído em 80 mil metros quadrados da área sul da universidade, em frente ao Conselho Nacional de Petróleo, localização que permitirá integrá-lo aos departamentos e outras unidades do campus e torná-lo acessível à população. Embora o projeto arquitetônico seja escolhido só a partir de um concurso nacional, estima-se que o custo do prédio principal e de seus anexos chegará a Cz\$ 1 bilhão.

## AREAS

Todas as áreas do conhecimento científico serão contempladas no museu, mas haverá exposições direcionadas para que o público compreenda a importância e a complexidade do meio ambiente e possa entender a relação do homem, sua tecnologia e o ecossistema. As coleções científicas da vida (flora e fauna) e da terra (minerais, minérios, fósseis e rochas) darão ênfase à região do Cerrado, mas contarão com espécimes e artefatos de todo o Brasil e do exterior.

Desde 1962, quando foi elaborado o Plano Orientador da UnB, está prevista a criação de um museu do gênero, ao lado de museus da arte e da civilização brasileira. Tendo em vista o impacto que gerará no ensino de graduação e de pós-graduação e a imensa carência de unidades do tipo, a opção foi de começar pelo Museu de Ciências. Ele operará em estreita ligação com as disciplinas ministradas na universidade, como botânica, zoologia, geologia, paleontologia, física, matemática, ciências da saúde e tecnologia. No total, contará com 25 áreas do conhecimento científico.

O projeto aprovado é bastante ambicioso. A UnB não deseja construir um museu que compita com os 17 existentes em Brasília, muitos deles desconhecidos, pouco frequentados ou até indefinidos, como o ex-Museu do Índio. Trata-se de criar um centro internacional de referência para a pesquisa científica, de padrão ainda não existente no País. Um museu que supere em acervo, estrutura e linhas de pesquisa os que são considerados os melhores do Brasil na área: Museu Nacional do Rio de Janeiro, Museu Paraense Emílio Goeldi e Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (USP).

"A intenção é essa", resume o professor do Instituto de Biologia Cléber Alho, coordenador do Conselho Deliberativo provisório do Museu. "Queremos fazer uma coisa bem feita, digna de crédito internacional", explica. "Faremos grandes exposições para o público, mas também teremos programas integrados às atividades de ensino e pesquisa,

como ocorre com as grandes universidades em todo o mundo".

## DOAÇÕES

Cléber explica que essa busca de eficiência tem razão de ser. "Há diversos colecionadores particulares que desejam doar suas coleções, mas não o fazem porque não encontram uma instituição capaz de conservá-las", observa. Antes mesmo de sua criação, já vem sendo mantidos contatos com pesquisadores e instituições dispostos a permitir — que o público tenha acesso a seu acervo através do Museu de Ciências da UnB.

Há boas perspectivas de que até mesmo museus estrangeiros concordem em doar parte de suas coleções à UnB, particularmente os espécimes animais e vegetais e as amostras de solo recolhidos por seus pesquisadores no Brasil. É comum, lembra Cléber, que o governo brasileiro custeie despesas de viagem de pesquisadores que precisam recorrer ao Museu Britânico, Museu de História Natural de Paris ou Instituto Smithsonian dos Estados Unidos para examinarem acervos da fauna e flora brasileiras.

"É lamentável constatar que a imagem do Brasil colonial persiste quanto às coleções científicas", depõe o professor. Ele confia, porém, que o Museu de Ciências da UnB, poderá reverter esse quadro e acredita que as instituições internacionais também irão colaborar no treinamento do pessoal, através de ofertas de bolsas de estudo e estágio para especialização.

A infra-estrutura física é outro detalhe cuidadosamente planejado. A UnB quer evitar que ocorra o que aconteceu com o Museu Nacional, hoje em situação precária, com o prédio sob risco de incêndio, sem condições de abrigar novos acervos e com dificuldade para conservar o atual. Qualquer obra para adaptar o prédio às necessidades do museu esbarra no tombamento do palácio onde está instalado. Para arcar com os custos de construção, a UnB venderá algumas de suas projeções no Plano Piloto. Uma vez começada a obra, de custo inicial estimado em Cz\$ 1 bilhão, pretende-se atrair empresários para contribuir com o projeto através da Lei Sarney.

A sugestão do Conselho inclui a construção de um prédio principal e de anexos. O prédio acomodaria as exposições de história natural e as exposições de ciências da saúde, ciências exatas e tecnologia. Ali também funcionariam biblioteca, auditórios e a administração. No centro, seria construído um átrio de pé direito alto o bastante para que se montasse debaixo um esqueleto de um grande mamífero ou um fóssil.

Os anexos destinam-se à preservação do material científico. Inicialmente seriam construídos três, um para cada importante coleção já existente na UnB: o herbário e os acervos zoológico e geológico. Calcula-se que os anexos, a serem erguidos em primeiro lugar, possam ficar prontos no prazo de dois anos. Até 1993 o projeto prevê a realização de todas as etapas do Museu, passando pela construção do prédio principal, transferências de acervos e treinamento de pessoal.